



*Rádio Como Mediação Pedagógica*¹

Mário César Matos de FREITAS²
Andréa Pinheiro Paiva CAVALCANTE³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre a utilidade do rádio como ferramenta pedagógica, mediando o processo de aprendizado humano. Para tanto, faz-se necessário uma contextualização da história do rádio para que se possa entender seus percalços até seu estado atual, bem como o entendimento das inúmeras possibilidades disponíveis por esse meio de comunicação e sua linguagem para o desenvolvimento da educomunicação. É a partir dessa possibilidade de aprendizado criativo através do rádio que se desenvolve esse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; mediação; aprendizagem; educomunicação.

INTRODUÇÃO

Desde sua concepção em terras brasileiras, o rádio foi idealizado por seus incentivadores como uma poderosa ferramenta educativa. Nomes como os de Roquette-Pinto e de padre Landell de Moura, cada um ao seu modo e em seu tempo, dão respaldo a esse pensamento. O presente trabalho traz, portanto, a discussão acerca do uso da ferramenta radiofônica como mediadora desse processo pedagógico, resgatando os princípios que guiaram os primeiros passos do rádio no Brasil e que hoje estão um tanto quanto dispersos frente ao uso predominantemente comercial da mídia radiofônica.

Roquette-Pinto avaliava a funcionalidade de mídias como o rádio e o cinema dentro de suas possibilidades de retirar parcelas significativas da sociedade de situações de miséria, visto que, segundo o pensador, “não há desengano maior do que a falta de conhecimento” (PINTO apud. MEDITSCH, 2008). Fica evidente que o autor sofreu grande influência do pensamento positivista de Auguste Comte no que concerne ao princípio de que a redenção do homem se daria através do conhecimento e o rádio poderia ser uma ferramenta de grande valia para esse processo de aquisição cognitiva.

¹ Trabalho apresentado na DT 4 Comunicação Audiovisual do XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, UFC, email: mario01ufc@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, UFC, email: andrea@virtual.ufc.br.



O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dosãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (ROQUETTE-PINTO apud. FERRARETTO, 2008, p.30)

Através dessa definição de Roquette-Pinto pode-se observar as funções primeiras que o rádio poderia desenvolver: seu caráter educativo, inclusivo, de entretenimento, de gerar mecanismos e apontar caminhos para novas realidades (no campo político talvez) e instrutor da moral e dos bons costumes.

Para melhor situar a linha de raciocínio desenvolvida nesse trabalho, faz-se necessário uma explanação sobre a evolução histórica do rádio e inserções na educação até a atualidade, comentando sobre a relação com os processos de aprendizagem para que, a partir de então, se possa elucidar acerca das possibilidades apresentadas por essa mídia e suas características intrínsecas e extrínsecas.

Visando o percurso metodológico traçado no parágrafo anterior, inicio o próximo tópico com um breve retrospecto do rádio no Brasil para que se possa entender o contexto no qual se encerra o diálogo rádio e educação.

A TRAJETÓRIA DO RÁDIO EM TERRAS BRASILEIRAS

A primeira demonstração pública do rádio em terras nacionais teria se dado no Rio de Janeiro em 07 de setembro de 1922, em caráter oficial visto que anteriormente já teriam ocorrido experiências de transmissão em Recife, em comemoração ao centenário da independência do país promovida pela empresa norte-americana *Westinghouse Electric and Manufacturing Company*. Importante, aqui, levantar a questão do contexto histórico desse momento que poderia ter gerado retorno negativo para o rádio dado que muitas pessoas foram retiradas de suas moradias na chamada *Belle Époque* da cidade quando em “vias de modernização” muitos foram desabrigados para o embelezamento da então capital federal, o que daria origem aos morros e favelas. Desse modo, o rádio poderia ter tido sua imagem ligada a esse acontecimento, gerando, assim, um afastamento desse público, com mais um fator agravante, e facilitador de uma possível rejeição: o financeiro.

No início dos anos 20, o rádio é uma curiosidade de alto custo. Para se ter uma ideia, indicam os dados disponíveis (Cf. FERRARETTO, 2001. p.99) um operário não ganha mais do que 200\$000 (200 mil-réis, a moeda brasileira de então). Os receptores mais simples, as galenas,



dependem de fones de ouvido que, sozinhos, custam 50\$000. Um aparelho de boa qualidade pode chegar, então, a 450\$000. O candidato a ouvinte tem, ainda, de encaminhar à repartição local do Ministério da Viação e Obras Públicas um requerimento para instalação dos equipamentos. Pela licença, o interessado paga 27\$000, além de um selo federal de 5\$000 exigido para o processamento do pedido. Há, ainda, uma taxa de sócio-contribuinte no valor de 5\$000, estabelecida pela própria Rádio Sociedade, sem falar na jóia de 100\$000 paga ao ingressar na entidade. (FERRARETO, 2008, p29)

Vários foram os problemas iniciais da implementação do rádio no Brasil com os fins humanísticos que idealizadores, como Roquette-Pinto, pensaram. O equipamento ainda era caro, a programação inconstante e realizada em muitos casos em um regime quase que de mecenato.

A popularização do rádio só vai se dando aos poucos, apenas depois de se sair de uma programação extremamente erudita e da abertura de espaço para publicidade, o que possibilitou investimentos maiores no setor e diversidade de programação.

O rádio, para as parcelas da elite responsáveis por sua introdução no país, constitui-se em elemento modernizante e civilizatório. É, entretanto, o primeiro movimento de longa trajetória do veículo em território brasileiro com uma programação marcada por conferências literárias, artísticas e científicas, números infantis, poesia, música vocal e instrumental, além de umas poucas notícias de interesse geral. (FERRARETO, 2008, p30)

Apenas em 1º de março de 1932, quase dez anos após a primeira apresentação pública de radiodifusão sonora, surge o Decreto n. 21.111 que vai organizar a publicidade radiofônica, regulamentando o de n. 20.047 de maio de 1931. E mudanças mais visíveis começam a ser percebidas nesse universo a priori educativo.

A presença da educação ainda tenta tomar fôlego com iniciativas governamentais e posteriormente de organizações do terceiro setor.

A PRA-2 (Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, pioneira na veiculação dessa mídia sonora) se transforma em Rádio MEC:

O idealismo dos pioneiros vai cedendo lugar ao mercantilismo dos primeiros empresários do setor. Ciente dessa nova realidade, resta a doação, efetivada em 7 de setembro de 1936, da emissora ao Ministério da Educação e da Saúde Pública, graças também à amizade de Roquette-Pinto com Gustavo Capanema, titular da pasta. Rebatizada de Rádio MEC, a estação dá origem, desse modo, ao sistema de radiodifusão educativa, mantendo seu objetivo inicial. (FERRARETO, 2008, p31).



Em 1934 tem início as transmissões da PRD-5: Radioescola Municipal, que vai disseminar o que Roquette-Pinto tanto defendia, tendo em vista que, nesse período, mais de 60%⁴ da população era analfabeta poder-se-ia educar através de ondas eletromagnéticas ao invés de livros.

Mudanças foram acontecendo e na chamada Era de Ouro do rádio brasileiro, no governo Vargas, a ênfase dada ao entretenimento e ao jornalismo dominavam a programação. Após 1950-60 foi-se tentado um resgate às ideias de Roquette-Pinto com iniciativas como do Movimento de Educação de Base (MEB), o qual “consistia em utilizar a metodologia problematizadora de Paulo Freire para alfabetizar agricultores das regiões Norte e Nordeste”. (CONSANI, 2007, p34). Era uma iniciativa da Igreja Católica progressista em parceria ao governo.

A importância do rádio no trabalho do MEB incorporou o potencial comunicativo desse instrumento, quando o tornou não apenas um transmissor de sons e vozes, mas lhe deu um novo significado, no qual a própria voz humana recontextualizada assume explicitamente um papel educativo. (PEIXOTO FILHO, 2010, p.20).

Após o golpe militar, o MEB foi interrompido e em seu lugar foi instaurado o Projeto Minerva objetivando ainda se utilizar do rádio para a educação, mas dessa vez sendo uma ação apenas do governo militar sem a participação da Igreja. A iniciativa se caracterizava bem como uma tentativa de educação à distância com um caráter de suplência do ensino fundamental, o programa tinha uma veiculação de 5 horas por semana, mas não teve continuidade após a década de 1980 pela falta de resultados concretos que pudessem ser medidos.

As iniciativas governamentais passam a tentar novos rumos, como o uso da tecnologia da informática, para tentar alcançar melhores resultados, mas nem por isso o rádio fica fora das experiências educativas. Com o advento da frequência modulada (FM) o rádio pode se expandir e segmentar seu público ouvinte:

O advento da FM proporcionou ao rádio uma expansão sólida e crescente, baseada na segmentação de público. A própria diferenciação entre as rádio AM (amplitude modulada) e FM já constituiu uma divisão de ouvintes – aqueles de perfil mais tradicional e conservador permaneceram com a primeira banda de transmissão.

[...]

⁴ Dados retirados de Cf. FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. História da comunicação, rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982, p.48 apud FERRARETO 2008.



As rádios FM seguem concentrando a liderança de audiência, mas a preocupação educativa, tirante as rádios estatais e universitárias, parece ter sido abandonada pela mídia radiofônica. (CONSANI, 2007, p.34)

Hoje grande parte das iniciativas de radioeducação parte de organizações não-governamentais. Em âmbito de Fortaleza temos a Catavento como exemplo:

Com 15 anos de existência, a Catavento focaliza sua atuação numa combinação que vem dando certo: Comunicação e Educação como estratégia para o desenvolvimento humano. A ONG cearense atua, principalmente, com os projetos “Segura essa Onda: Rádio-Escola na Gestão Sócio-Cultural da Aprendizagem”, “Agência Catavento Rede ANDI Brasil – Comunicadores pelos Direitos da Infância”, “Rádio-escola pela educação” e “Agência Torpedo de Notícias”. (Livro programa – Seminário de Comunicação, Cultura e Cidadania, realizado pelo programa de pós-graduação do curso de Comunicação Social da UFC realizado em Fortaleza-CE em 2010).

Feita essa viagem ao longo da trajetória radiofônica, pode-se seguir para um novo patamar de conceitos e aplicações: a aprendizagem. Como se dá esse processo de aquisição de conhecimento e qual a relação com o rádio é o que será discutido no tópico seguinte.

ENSINO E APRENDIZAGEM, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO – ENSINAR, UM VERBO TRANSITIVO RELATIVO-REFLEXIVO

Dou início a esse tópico com a definição de comunicação dada por Paulo Freire, para que se possa refletir a intensa proximidade entre comunicação e educação:

Comunicação (é) a co-participação dos sujeitos no ato de pensar... implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, e diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE apud LIMA, 1981).

Torna-se evidente a necessidade em se pensar a educação para além do regime escolar padrão e tradicional, muitas vezes exaustivo e menos produtivo do que se suas potencialidades reais para com o educando. O rádio surgiria nesse processo como mediador e agitador do processo dialógico entre professor e aluno.

Retornando para o pensamento de Freire (1996) é possível se explicar o jogo de palavras que finaliza o título desse tópico: “ensinar, um verbo transitivo relativo-*reflexivo*”; Ao mesmo tempo em que o verbo *ensinar* é gramaticalmente classificado



como transitivo relativo, tendo em vista que quando no ato de ensinar se ensina algo a alguém (possuindo, portanto um complemento direto *ensinar algo* e um indireto *ensinar a alguém*), ele também é reflexivo, pois, tendo em vista a obra de Paulo Freire, o ato de ensinar é estar aprendendo, bem como o de aprender é estar ensinando.

Acrescento o caráter reflexivo no sentido de dupla via ensino-aprendizado, mas também no sentido filosófico de reflexão, de tempo para deixar o conhecimento decantar, permitir que essa nova informação que chega possa ter tempo para mexer com minha forma de encará-la, possa me fazer pensar para, por conseguinte, internalizá-la e torná-la apreendida e aprendida.

Para Piaget (segundo MOREIRA, 1999) a aprendizagem se daria a partir de três pontos básicos: assimilação, acomodação e equilíbrio. A criança teria formas de se relacionar com a realidade, sendo que em seus estágios iniciais de contato com o mundo isso se daria de uma forma mais indistinta entre o seu ser e o que a rodeia, perpassando por um momento de que tudo giraria em torno do seu ser, até que se chegue a um nível de compreensão do mundo separada do seu ser, em uma idade mais elevada. Nesse ponto se faz possível o crescimento cognitivo, o qual se dá com as três instâncias citadas anteriormente.

A criança possui estágios diferentes de assimilação do que se passa em seu entorno. Essa assimilação é então estimulada por uma “novidade” proveniente do que a circunda fazendo necessária uma acomodação para a nova informação recebida, após essa acomodação vem a restauração do equilíbrio mental e recomeça o ciclo com uma nova assimilação.

[...] ensinar (ou, em um sentido mais amplo, educar) significa, pois, provocar o desequilíbrio no organismo (mente) da criança para que ela, procurando o reequilíbrio (equilíbrio majoritante), se reestrutur cognitivamente e aprenda. O mecanismo de aprender da criança é sua capacidade de reestruturar-se mentalmente buscando um novo equilíbrio (novos esquemas de assimilação para adaptar-se à nova situação). O ensino deve, portanto, ativar este mecanismo. (MOREIRA, 1999, p.103).

Tendo o modelo de Piaget em mente, o rádio entraria como o estopim para o processo de desequilíbrio mental visto que é ferramenta comunicacional destoante do padrão ao qual a criança está acostumada no âmbito da sala de aula e assim provocaria uma assimilação diferenciada e propiciadora da acomodação e restauração de equilíbrio fundamentais para o aprendizado.



A educação hoje passa por mudanças em sua forma de ver a relação entre mestre e aprendiz e entre as formas de se transmitir a mensagem entre esses interlocutores.

Martín-Barbero colocou de maneira lúcida e sincera essa grande mudança quando disse que estamos passando de uma sociedade com um sistema educativo para uma sociedade da Educação, na qual a aprendizagem e o conhecimento não só dependem da escola e das instituições educativas formais, mas também de múltiplas fontes, dentre as quais se destacam as diversas telas a que se tem acesso hoje em dia. (OROZCO in *PRETTO e TOSTA*, 2010, p.11).

Pensando nas diversas possibilidades de entrelaçamento entre comunicação e educação, que se fazem presentes nos dias de hoje, podemos perceber que:

Do ponto de vista prático, entretanto, podemos constatar que tanto um quanto outro lidam com as interações entre as pessoas, mediadas por agentes especializados (indivíduos que se dedicam especificamente a esse trabalho), e visam, de um modo geral, a aprimorar as relações sociais. (CONSANI, 2007, p.9).

Considerando-se tanto os processos comunicativos quanto os educativos, temos que ambos “podem ser entendidos como ações objetivas direcionadas para a organização e a transmissão de conhecimentos de um indivíduo a outro” (CONSANI, 2007), entretanto essas ações e conhecimentos transmitidos podem ser bastante diferentes para as duas áreas, visualizando facilitar a compreensão do leitor desse trabalho, construí uma tabela sucinta, baseada nas informações do livro *Como usar o rádio na sala de aula*, de Marciel Consani, dessas diferenças no que se consideram alguns pontos primordiais:

Processos educativos		Processos comunicativos
Preservação da mensagem – alcance histórico	ALCANCE	Expansão geográfica – alcançar o maior número de pessoas
Instruir sobre alguma temática	OBJETIVO PRIORITÁRIO	Possuem uma distinção menor entre meios e fins
Centralizar o fluxo de informações no sentido educador > educando	SENTIDO DA INFORMAÇÃO	Multidirecionalidade
Ênfase no ato de transmitir a informação em relação ao ato de recebê-la	RELAÇÃO ENTRE OS AGENTES DO PROCESSO	Preocupação com quem recebe a mensagem
Grande relação com o Estado	RELAÇÃO COM OS PODERES CONSTITUIDOS	Grande relação com o setor produtivo



Pode-se perceber a riqueza que poderia ser gerada pela reunião de características das instâncias comunicativa e educativa em um mesmo projeto de atuação, dessa maneira, uma área poderia cobrir os pontos fracos da outra e colaborar para um novo estágio de se pensar sua relação.

[...] as mídias e a mediação comunicativa não representam apenas “recursos a mais” dentro de um fazer já estruturado, mas, sim, o veículo, a situação e o ambiente privilegiados para sustentar a tríade conteúdos-habilidades-attitudes. (CONSANI, 2007, p.13).

Desse modo, a perspectiva do uso do rádio no processo de aprendizagem está em linha com o que propõe a educomunicação que, segundo termos do *Núcleo de Comunicação e Educação* da Universidade de São Paulo (NCE da ECA-SP):

a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar. (NCE da ECA-SP in CONSANI, 2007, p.13).

A relação entre educador e educando deveria ser, então, um ecossistema aberto, onde existe um diálogo, uma relação bidirecional, como defendia Paulo Freire. O conhecimento seria então compartilhado através de vivências coletivas e não imposto num sistema hierárquico de transmissão de informações.

Cabe no tempo em que vivemos a presença da transdisciplinaridade, onde os limites entre as possibilidades que os diversos campos têm a oferecer desaparecem e um pode contribuir para o engrandecimento do outro através de suas possibilidades diferenciadas. É nesse tocante que desenvolvo o próximo tópico mostrando as possibilidades do rádio e de sua linguagem.

POSSIBILIDADES DO RÁDIO

Antes de discorrer a respeito das possibilidades que essa mídia tem a oferecer, é prudente contrabalancear com suas limitações. Para tanto, utilizarei do pensamento de Mario Kaplún em seu texto *A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio*, importante ressaltar ainda que cabem diversas críticas a essas limitações elencadas por Kaplún, devendo-se empregar sempre de um senso crítico para aferi-las. Na medida do possível levantarei questionamentos ao longo do texto.



1ª limitação: unisensorialidade

O rádio trabalha apenas com um sentido: a audição.

Sustentava-se que, em proporção largamente majoritária, o ser humano aprende pela visão. Afirma-se que mais de oitenta por cento dos conhecimentos se adquiriam pela visão e menos de dez por cento por via auditiva. É corrente ouvir dizer que “uma imagem mostra mais que mil palavras”. (KAPLÚN *In* MEDITSCH, 2008, p.83).

Entretanto, esse sentido auditivo pode possibilitar a ativação dos outros, seja pelo resgate de uma memória que traz consigo um cheiro ou uma palavra que constrói uma imagem mental do que se está ouvindo. A oralidade brinca profundamente com nosso imaginário.

Comparando-se o rádio com os meios impressos [...], se por um lado os últimos têm, a seu favor, a durabilidade e a permanência em relação à mensagem do primeiro, que é fulgaz e efêmera, por outro lado, o rádio oferece importantes vantagens de chegar aos analfabetos [...] e adaptar-se melhor que qualquer outro meio aos povos que baseiam sua cultura na transmissão oral. (KAPLÚN *in* MEDITSCH, 2008, p.84).

Entretanto, a unisensorialidade do meio poderia resultar em dois problemas: risco de cansaço (monotonia por se trabalhar apenas um sentido) e risco de distração (distração motivada pelos outros sentidos, principalmente o visual), agravado pelo fato de se ouvir rádio, usualmente, realizando qualquer outra atividade (elevando a possibilidade de distração e perda da mensagem que se tentou transmitir).

2ª limitação: ausência do interlocutor

Essa não é uma limitação apenas do rádio, mas é comum a todos os meios de comunicação de massa. O autor coloca que, no rádio, o locutor não tem como perceber as reações do ouvinte, assim a mensagem se daria de forma unidirecional apenas sendo emitida sem um retorno do receptor, não haveria reciprocidade, o que não se pode considerar de todo, dado que existem variadas formas de se comunicar com o ouvinte, seja por telefone, internet, carta.

3ª limitação: fugacidade

A mensagem radiofônica é efêmera, inscreve-se no tempo. Não é possível, ao receptor, voltar atrás e reler o que não conseguiu apreender, como se sucede na mensagem escrita. (KAPLÚN *in* MEDITSCH, 2008, p.85).

Hoje é possível, em geral, gravar o áudio da programação de rádio ou baixá-lo nos sites das rádios, deste modo seria possível recuperar algum ponto que passou despercebido. Entretanto surge uma questão: o rádio se faz rádio apenas no momento da



transmissão ao vivo? O fato de tê-lo gravado o transforma em outra modalidade de comunicação sonora, como o podcast, por exemplo? São questionamentos interessantes e relevantes para uma discussão em outro momento de produção científica, mas para fins desse trabalho, opto metodologicamente a não me estender nessa relação e me atentar para o pensamento do autor.

É devida a impossibilidade de se voltar na fala do emissor que se tem a necessidade de redundância na mensagem radiofônica, gerando como conseqüências:

- *limitação da informação*, visto que a efemeridade da mensagem só permitiria transmitir poucas ideias para que se possa fazer entender. Tendo em vistas ainda que cada conceito deva ser bem entendido, isso leva tempo, assim poucas mensagens tem de ser emitidas para se supor que sejam bem recebidas.

- *risco de monotonia* por causa da necessidade de repetição da mensagem, esta pode aborrecer o ouvinte.

4ª limitação: público condicionado

As pessoas não costumam escutar rádio e apenas isso, costumam fazê-lo entre outras atividades, sendo pequeno o nível de atenção dedicado ao rádio. Além disso, existe o agravante dos ruídos que cercam todos os ambientes em que nos inserimos.

Após essa avaliação dos empecilhos que podem afetar o rádio, ressaltando que vários outros podem ser causados outros fatores como o ruído ou a falta de conhecimento sobre a linguagem radiofônica, passo para a apresentação de suas possibilidades e aplicações.

O rádio possui três características e cada uma delas possui suas possibilidades. A saber:

- *características intrínsecas* (relacionadas com as especificidades do meio): liberdade imaginativa, alcance humano, alcance geográfico, simplicidade de produção, baixo custo, agilidade;

- *características extrínsecas* (relacionadas com as condições predominantemente históricas): seletividade, personalidade, adaptabilidade, essencialidade, identificação pessoal;

- *características potenciais* (relacionadas com as tendências que podem ou não se confirmar): didatismo, musicalidade, utilidade pública.

Explico a seguir, ponto a ponto, as possibilidades de cada característica, utilizando novamente como base o texto de Marciel Consani.



-Liberdade imaginativa: diferente de outros veículos, o rádio não oferece a imagem pronta para visualização, permite ao ouvinte usar de sua imaginação para construir mentalmente essas imagens transmitidas pela oralidade.

-Alcance humano: a grande fidelidade do ouvinte

-Alcance geográfico: vantagem sobre mídias impressas, por exemplo, pois tem um alcance virtualmente global.

-Simplicidade de produção: os recursos para se produzir uma obra radiofônica são mínimos se comparados com outras estruturas de veículos de comunicação.

-Baixo custo: quando se pensa a relação entre *número de ouvintes x despesas de produção* o rádio possui ainda grande vantagem sobre as demais mídias.

-Agilidade: graças a simplicidade técnica, o rádio possui maior velocidade na transmissão da informação. Tempo para montagem e edição de informações a serem transmitidas são exemplos que podem comprovar essa agilidade quando em comparação com outras formas de preparação para veiculação.

-Seletividade: recorta bem o tema que se quer trabalhar, pelas próprias características do meio de efemeridade e distração do ouvinte.

-Personalidade: a entonação dada pelo locutor, que diferencia o rádio de outras formas de comunicação, principalmente impressa, dando traços personalizados a transmissão.

-Adaptabilidade: não monopoliza a atenção do ouvinte, pode dividi-la com outras mídias.

-Essencialidade: abre-se mão dos detalhes para se concentrar no mais relevante da mensagem e assim facilitar que o ouvinte internalize o que se deseja.

-Identificação pessoal: apesar de se dirigir a inúmeras pessoas ao mesmo tempo, o rádio aparenta se dirigir diretamente ao ouvinte que dele faz uso, assim eleva a possibilidade de fidelização.

-Didatismo: o texto oralizado pelo rádio requer clareza, simplicidade e direcionamento único para se fazer compreensível, essas características podem, então, gerar o caráter didático do meio.

-Musicalidade: música e rádio estão absolutamente entrelaçados, através da música a arte se faz presente na linguagem do rádio mexendo com os sentimentos.



-*Utilidade pública*: a função de prestação de serviços sempre foi um dos grandes sustentáculos do rádio.

Ainda hoje, temos a comprovação estatística de que a maioria dos ouvintes que sintoniza o rádio procura por informações de utilidade imediata, tais como hora certa, condições meteorológicas e situação do trânsito nas grandes cidades. (CONSANI, 2007, p21).

O rádio, a partir de todas essas possibilidades relacionadas acima, torna-se uma oportunidade riquíssima como ferramenta de mediação pedagógica para o ensino.

Essa mídia possui a seu favor o trunfo da oralidade e toda a carga simbólica que ela pode proporcionar.

A oralidade se faz importante para a perpetuação da história:

[...] ainda que desde os primórdios os homens já representassem seu mundo exterior e interior por meio de desenhos e pinturas (arte rupestre), as realizações e descobertas de indivíduos e agrupamentos humanos – famílias, clãs – só puderam se perpetuar na memória das gerações subseqüentes por meio da comunicação oral.

[...] o poder da oralidade nas relações humanas, algo que nem o advento das tecnologias modernas (como os computadores) ou amadurecimento das antigas (como a escrita) conseguiram enfraquecer. (CONSANI, 2007, p.28).

E, além disso, atua desde os tempos mais remotos no imaginário humano:

O rádio existia muito antes de ter sido inventado. Ele existia sempre que havia vozes invisíveis: no vento, no trovão, no sonho. Ao ouvir a história em retrospecto, verificamos que ele era o sistema de comunicação original através do qual os deuses falavam com a humanidade. Era o recurso utilizado pelas vozes que, livres do mundo dos fenômenos, comunicavam seus pensamentos e desejos aos atemorizados mortais. (SCHAFER *In* MEDITSCHI, 2008, p.237).

A relação rádio e aprendizado se fortalece quando se comparam os três objetivos pedagógicos primordiais: conteúdo, habilidades e atitudes; com a complementaridade que o uso do rádio pode trazer. A seguir explico sobre esses objetivos e correlação com o rádio a partir dos estudos de Consani.

Pormenorizando cada objetivo podemos entender que: conteúdo se encontraria num nível de cognição onde se trabalham conhecimentos, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação (segundo estudos da taxonomia de Bloom); habilidades estão a nível psicomotor, estendendo-se por atividades ligadas a percepção, resposta conduzida, automatismos, respostas complexas, adaptação e organização; e atitudes se



ligam a um domínio afetivo, ligado a recepção, resposta, valorização, organização, internalização de valores.

Esses objetivos podem ser então contemplados pelos usos do rádio. Assim, o rádio pode trabalhar com o conteúdo a partir da abordagem de todos os conceitos, de uma ampliação do universo cultural, das possibilidades dos domínios tecnológicos ou pela própria assimilação do processo comunicativo. As habilidades podem ser desenvolvidas com o incentivo à pesquisa de temas, seleção de informações, expressões oral e escrita, diálogo com o mundo e com a comunidade, e com o desenvolvimento de um pensamento reflexivo complexo e holístico. Por fim, as atitudes podem ser trabalhadas no rádio com a capacidade de se trabalhar em equipe, atenção auditiva, compromissos éticos, opinião pessoal e dedicação a uma causa coletiva.

Assim, é esse construto de possibilidades que faz do rádio educativo um aliado plausível à sociedade da Educação que vivenciamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dominar a linguagem e possibilidades do rádio é o caminho para o bom uso da mídia em parceria aos sistemas educativos.

O rádio não é um veículo, mas, sim, um instrumento. Sem dúvida, um grande instrumento potencial de educação e cultura populares; e como todo instrumento, exige conhecê-lo, saber manejá-lo, adaptar-se a suas limitações e a suas possibilidades. Usar bem o rádio é uma técnica e uma arte. KAPLÚN *in* MEDITSCH, 2008, p.83).

Como usar a rádio hoje, no final da primeira década do século XXI, para a Educação da sociedade? Mais que uma pergunta que precise de respostas exatas ou de fórmulas, trata-se de um desafio à criatividade e à reflexão que requer coordenação de ideias, experimentação, propostas inovadoras, técnicas e estratégias, sobretudo pedagógicas.

A rádio educativa e cultural, além de fortalecer a Educação e a Cultura, também proporcionou *entretenimento e diversão*, e foi escutada em momentos diferentes da cotidianidade das audiências para recompensar ou satisfazer diferentes necessidades, não somente aquelas estritamente de conhecimento e informação. (OROZCO *in* PRETTO e TOSTA 2010, p.9).

O parágrafo acima demonstra como uma rádio educativa e cultural pode se consolidar como opção de entretenimento para além de seu objetivo educativo e construtor de cidadania. Quebrando a impressão a priori do massivo e desgastante.



A rádio, como nunca antes, é muito mais que somente rádio. Muito mais que apenas um canal e uma linguagem sonoras, muito mais que unicamente uma dimensão auditiva para a transmissão de sons e informações. É também um estímulo múltiplo que, embora se inicie com a escuta, deve mudar para outras dimensões sensoriais em que intervenham mais sentidos. (OROZCO in *PRETTO e TOSTA* 2010, p.10-11).

Iniciativas estão surgindo de resgate ao papel educativo dessa mídia tão forte e sobrevivente, resta à academia refletir acerca de novas formas de se trabalhar rádio e educação sem que se tire de vista o aperfeiçoamento de técnicas com foco nos educandos, enriquecedores maiores desse processo.

REFERÊNCIAS

- CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- FERRARETTO, Luiz Artur. Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio. In *MEDITSCH, Eduardo e ZUCULOTO, Valci (orgs.). Teorias do rádio – textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol. II, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In *MEDITSCH, Eduardo e ZUCULOTO, Valci (orgs.). Teorias do rádio – textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol. II, 2008.
- LIMA, Venício Artur. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MOREIRA, Marcos Antonio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.
- OROZCO, Guillermo. Prefácio – De “ouvintes” a “falantes” da rádio, o desafio educativo com os novos “radiouvintes”. In *In Do MEB à WEB, o rádio na Educação*. *PRETTO, Nelson De Luca e TOSTA, Sandra Pereira*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- PEIXOTO FILHO, José. O Rádio e a Educação, a experiência do MEB e as contribuições para a Educação popular. In *In Do MEB à WEB, o rádio na Educação*. *PRETTO, Nelson De Luca e TOSTA, Sandra Pereira*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- SCHAFER, R. Murray. Rádio Radical e a Nova Paisagem Sonora. In *MEDITSCHI, Eduardo e ZUCULOTO, Valci (orgs.). A Teoria do rádio – textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol. II, 2008.
- Livro programa – Seminário de Comunicação, Cultura e Cidadania, realizado pelo programa de pós-graduação do curso de Comunicação Social da UFC realizado em Fortaleza-CE em 2010.